

Formação de educadoras¹ das escolas de educação infantil: saberes necessários à integração à vida

Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Resumo:

Este ensaio trata da formação das educadoras das Escolas Municipais de Educação Infantil de Pelotas com base na Visão Biocêntrica, do Princípio Biocêntrico e de sua aplicabilidade na Educação Infantil. Fala-se das expectativas, das relações, da atuação pedagógica, dos processos de vida, das diferentes possibilidades de conhecimentos, das atuações pedagógicas, das dimensões integradoras dos afetos. Fazemos uma análise fenomenológica dos registros, das verbalizações das educadoras das escolas infantis colhidas nas vivências. As expectativas das educadoras nos ofereceram um “panorama fotográfico” das escolas infantis e da vida nesses espaços. Fazê-lo com carinho, diálogo e consideração pelo grupo, permite gostar das pessoas, do trabalho, do ambiente de trabalho, e permite o crescimento. Necessitamos vivenciar outros ritmos dos corpos, das faces, dos olhares, das alegrias que teimam em desobedecer aos rituais da mesmice. Das transmutações da insegurança, da vergonha, da ansiedade, surgem a coragem, a tranqüilidade, a calma emocionada e a esperança anunciada diante do outro e do mundo. Permanece o desejo das educadoras na necessidade de uma formação continuada constante que articula as experiências cotidianas com teorias que permitam construir uma “leitura” da escola numa teia de olhares.

Palavras-chave: formação, educação biocêntrica, biodanza, vivência, infância.

Abstract:

Educator development in nursery schools: knowledge needed for life integration

The theme of this paper deals with educator development in city nursery schools in Pelotas, Rio Grande do Sul state. A synthesis of the Biocentric View, the Biocentric Principle, and its application to Biocentric Education is presented. Expectations, relationships, pedagogical work, life processes, distinct knowledge possibilities, and the integrative dimension of affection are mentioned. We started with a phenomenological analysis of the nursery school educators' expectations, which were expressed and collected in the verbal reports of their life experiences. The educators' expectations have offered us a “photographic view” of nursery school and life. Taking these photos with affection, dialogue and respect towards group, makes it possible to like people, enjoy work and the environment, besides allowing development to happen. We need to experience other rhythms of sameness. Inner transmutations of insecurity, shame, and anxiety will lead to courage, tranquility, emotive quietness and hope towards others and the world. The educators keep feeling the need of an in-service program which links daily experiences and theories that allow nursery schools to be “read” through a web of different looks.

Key-words: educator development, biocentric education, biodanza, life experiences, childhood.

¹ Neste texto, optamos por falar em educadoras por serem predominantes nas escolas que observamos, intervimos.

“Queremos que as educadoras voem ao encontro com a poesia que nasce do coração, do pulsar da vida inteira, sem máscaras: caminhos, à construção de redes de sensibilidade, que gerem mais vida na vida, que educam na amorosidade do educar-se mutuamente, na solidariedade dos olhares limpos como riachos” (Figueiredo, 2001)

Introdução

O presente texto tem como perspectiva organizar e sistematizar um processo que envolveu expectativas, verbalizações, vivências de trabalho desenvolvido com as educadoras através da Educação Biocêntrica². A temática é a formação das educadoras das Escolas Municipais de Educação Infantil de Pelotas.

O problema que nos instigou foi o de encontrar possíveis maneiras de refletir e vivenciar a formação das educadoras, no sentido de viabilizar reflexões e vivências³ que desencadeasse um processo de integração e de fortalecimento emocional diante das dificuldades de atuação cotidiana enfrentadas nas escolas.

Nossa convicção, naquele momento, era de que, através do conhecimento teórico-vivencial da Visão Biocêntrica, do Princípio Biocêntrico e da Educação Biocêntrica, seria possível desencadear condições favoráveis para construir o fortalecimento e a integração das educadoras, pelo desenvolvimento de vivências com ênfase na afetividade e na criatividade.

Sendo assim, baseados nas fontes teóricas e nas verbalizações do grupo, antes, durante e depois dos encontros, damos a seguinte estrutura a este texto:

No primeiro momento, indicam-se alguns fundamentos teóricos para compreensão desta experiência. Faz-se uma síntese da Visão Biocêntrica, do Princípio Biocêntrico e de sua aplicabilidade na Educação Biocêntrica.

Em segundo lugar, são apresentadas fenomenologicamente as expectativas das participantes, verbalizadas nos inícios dos encontros. Fala-se das expectativas, das relações, da atuação pedagógica, dos processos de vida, das diferentes possibilidades de conhecimentos, das atuações pedagógicas, das dimensões integradoras dos afetos.

² Projeto Educação Biocêntrica: saberes necessários á integração à vida. Uma parceria desenvolvida entre Faculdade de Educação e Secretaria Municipal de Educação de Pelotas. A etapa inicial foi realizada de março a junho de 2001, envolvendo 24 escolas infantis e SME.

³ Entenda-se como “o aqui e agora”.

Em terceiro lugar, passamos aos depoimentos. Assim, fala-se dos encontros, dos espaços de conhecimentos, das lições apreendidas, das transformações.

No último momento, procura-se fazer uma síntese dos sonhos e embalas sugeridos nos diversos encontros durante o desenrolar deste projeto de formação das educadoras das escolas infantis.

Alguns esclarecimentos⁴: para a compreensão da realidade vivida

As vivências de Educação Biocêntrica/Biodanza⁵ iniciam-se com a roda, a roda de bom-dia, a roda de integração, a roda de participação, a roda de celebração. A roda. Em todo o mundo e em todas as épocas, foi e será o “local” do encontro, da festa, da brincadeira, da comemoração. Desde os povos primitivos, a roda é um símbolo que representa o encontro para compartilhar a vida.

Que prazeroso é sentir o encontro das mãos na roda e brincar, dançar o reencontro dos elos perdidos! Toda educadora pode propiciar esse encontro solidário e cooperativo às crianças.

A roda demarca o espaço, o espaço do encontro, o “útero afetivo”, onde não existe quem é mais nem quem é menos. Resgata o compromisso com o dar “as mãos...”. Contar consigo e com o outro e com os outros... É o espaço onde todos têm a possibilidade de olhar...Olhar para si...Olhar o brilho dos olhos, olhar as semelhanças e as diferenças... Olhar os sonhos... O dito e o vir-a-ser. Na roda, necessitamos estar de peitos e braços abertos... Estar abertos para a vida que está próxima, nesse espaço.

É na roda que se tecem vínculos e se desenvolve um processo para o despertar da educadora para se perceber e poder perceber as crianças com as quais trabalha, tendo a sensibilidade para cuidar da vida. Em diferentes situações, um gesto, um movimento, um símbolo e, às vezes, uma palavra é suficiente para despertar a pessoa. Esta, uma vez despertada, se abre para construir-se e passa a colaborar com a construção do mundo que a rodeia. As educadoras assumem o compromisso de facilitarem o próprio desenvolvimento e o da criança, criando condições para ela “ser”.

⁴ Compilados do texto: FALEIROS, Ana Maria, PEREIRA Maria Angelina, BORGES, Marina Silveira e FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. Tecendo Redes de sensibilização Criativa – Biodanza. IN: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e DIAS, Marina Célia Moraes. Oficinas de Sonhos e Realidade na Formação do Educador da Infância, Campinas: Papirus/SP, 2003.

⁵ Biodanza – sistema vivencial de desenvolvimento humano. Tem um modelo teórico fundamentado nas Ciências Biológicas e Humanas, criado por Rolando Toro Araneda. O termo é grafado com z por ter sido registrado na língua materna de seu criador, que é chileno.

Para sensibilizar as educadoras a respeito desse processo, é necessário estarmos sensíveis às suas expressões. Para isso, contamos com a nossa experiência de educadores, em diferentes níveis de ensino. A sensibilidade para perceber-se e perceber o outro foi despertada através das vivências de Biodanza. Ela é um sistema que promove o desenvolvimento do ser humano em uma totalidade. As vivências enfatizam o ‘aqui e o agora’ e permitem, ao participante, integrar pensamento, emoção, sentimento, percepção e intuição.

Trabalhar com as educadoras propondo-lhes vivências significa criar condições para que se percebam como pessoas inteiras, capazes de ver e sentir a si e ao outro. Na medida em que percebam seus limites e possibilidades, podem estar abertas para educar, cuidar, brincar e orientar crianças durante o seu processo de integração ao mundo.

A capacidade para “cuidar do outro” é despertada quando se trabalham os potenciais humanos primários, de modo a estabelecer uma integração entre a dimensão motora, o sensorial e o visceral, facilitando a expressão da afetividade, da cognição e do movimento numa totalidade.

Educar e cuidar de crianças é educar e cuidar da vida num momento em que ela tem pulsação vibrante e uma disposição crescente para explorar o ambiente. A educadora é convidada, pela criança, a participar da aventura de viver com intensidade, de tornar-se questionadora, do permanente interrogar-se, das descobertas, do inesperado, de viver um tempo chamado por Rubem Alves (2003, p.166)⁶ de Kairós, que vive das permanentes surpresas em oposição ao Chronos, tempo do relógio, das rotinas, das não-surpresas, das batidas no mesmo ritmo, da precisão, dos números.

Na crônica “– *Um caso de amor com a vida*”, o autor tece uma dança com esses tempos conhecidos pelos gregos, enfatizando que:

“O tempo se mede com batidas. Pode ser medido com as batidas de um relógio ou pode ser medido com as batidas do coração. Os gregos, mais sensíveis do que nós, eles tinham duas palavras diferentes para indicar esses dois tempos. Ao tempo que se mede com as batidas do relógio – embora eles não tivessem relógios como os nossos – eles davam o nome de chronos. Daí a palavra “cronômetro”.

O pêndulo do relógio oscila numa absoluta indiferença à vida. Com suas batidas vai dividindo o tempo em pedaços iguais: horas, minutos, segundos... O tempo do relógio é indiferente às tristezas e alegrias.

Há, entretanto, o tempo que se mede com as batidas do coração. Ao coração falta a precisão dos cronômetros. Suas batidas

⁶ ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

dançam ao ritmo da vida – e da morte. Por vezes tranqüilo, de repente se agita, tocado pelo medo ou pelo amor. Dá saltos. Tropeça. Trina. Retorna à rotina. A esse tempo de vida os gregos davam o nome de kairós – para o qual não temos correspondentes: nossa civilização tem palavras para dizer o tempo dos relógios: a ciência. Mas perdeu as palavras para dizer o tempo do coração...”.

Embalado no “*Tempo do coração*”, caminho com minhas lembranças das vivências nas escolas como criança. Educador, interrogo-me: que tempos continuam a dançar no cotidiano das escolas? Em que tempo as educadoras pautam seus ritmos e suas vidas? Elas percebem os ritmos das crianças? E os cursos de formação, como têm percebido o tempo do coração, ou se pautam no tempo Chronos? Para essas indagações, busco encontrar caminhos neste processo de formação que articula reflexão teórica e vivencial.

Educadoras: Educar-se no cuidado, na escuta... De quê? De quem? Para quê?

Ao estabelecer uma proposta de formação de educadoras das escolas infantis priorizando a Educação Biocêntrica, devemos concretizar ações que se relacionam com o "cuidar a vida", com uma nova pedagogia de vida. Assim, é preciso desenvolver a criatividade e transformar a própria vida, almejando uma percepção, uma inserção e uma construção ampliada do mundo em que vivemos. Torna-se necessário estar sensível ao vínculo consigo mesmo, com outras pessoas e com o universo. Ao mesmo tempo, é necessário estar aberto para desapegar-se destes, pois o novo exige sempre um desprendimento do passado. Estar em contato com o novo, com o diverso, é viver um processo de criação. Ser educadora de crianças pequenas em processo de vir-a-ser é estar aberta às transformações. É reeducar-se continuamente, em comunhão com as crianças, com os pais, com a escola e a comunidade, em uma relação profunda e comprometida.

Os comentários vindouros revelam o que significou compartilhar as vivências com outras pessoas presentes:

“Parece que entramos na da criança, num ambiente que é repleto de novidades e surpresas que nos deixam, freqüentemente, perplexo. É preciso estar aberto a questões: como é que estou vivendo?” (Anônimo).

“Pais e professoras consumidos pelas próprias dificuldades de se cuidar ficam sem condições para escutar as crianças em seus apelos” (Anônimo).

“A criança nos leva a indagações, pois ela deixa que suas dúvidas venham à tona com espontaneidade. Elas confiam na própria percepção e se expressam em sintonia com o mundo” (Anônimo).

Ao desenvolver uma educação organizada pelo tempo do coração proposta por Rubem Alves (2003) e baseada no Princípio Biocêntrico, iniciamos uma reflexão a respeito do que é o "cuidar da própria vida". Cuidar da vida de uma criança é cuidar dos encontros com as forças da vida em crescimento. É um cuidar que não significa superproteger. Esse cuidar envolve estar atento a tudo que se passa na escola, na vida, é estar junto, oferecer condições para o crescimento do outro, para que desenvolva as suas potencialidades adormecidas. É gerar vida a partir da própria vida. É estar atento ao outro sem querer determinar o seu caminho. É caminhar ao lado e com o outro percebendo mutuamente os ritmos, que passam a não ser mais os ritmos individuais mas, sim, o ritmo da relação. O cuidar deve ser entendido como a arte do encontro, encontro que envolve crianças, pais, mães e educadores e comunidade em processo contínuo de transformação.

Entrar em sintonia com o universo das crianças pressupõe estar aberto para o universo que elas partilham. Ter coragem para viver junto às suas emoções, curiosidades, estar disposto para acompanhar suas idas e vindas, seus desvios, seus direitos. É aceitar seu egocentrismo, respeitar seu direito de brincar, fantasiar, deixar-se aventurar no mundo desconhecido, ter o direito de sonhar. Para que isso aconteça, é necessário sentir admiração e respeito por si mesmo, pelos outros, pelo universo.

As ações da Educadora Biocêntrica se expressam em um processo criativo que transforma a sua própria vida e a de cada um que está envolvido no processo e construindo relações consigo mesmo, com o outro e com o universo.

Uma educação nesta perspectiva não nega a emoção, o prazer, a alegria, o sonho; permite o pulsar dos diferentes conhecimentos, construídos nos espaços da escola da vida. Ela viabiliza o equilíbrio da razão e da emoção rompendo com as abordagens fragmentadas e dualistas. Um processo nesta dimensão raramente está presente nas escolas, principalmente naquelas que lidam com crianças.

As educadoras que trabalham com crianças devem, além de assimilar os conhecimentos teóricos e técnicos, conhecer a linguagem corporal das

crianças e a sua própria, permitir a expressão das emoções e experimentar as diversas formas de conhecer e interagir no mundo e com o mundo.

Neste sentido, Moraes (2002, p.84) indica novas maneiras de pensar a escola mundo afirmando que:

“... para o resgate do ser humano, com base em uma visão sistêmica, ecológica, interativa, indeterminada. O aluno passará a ser visto como aquele que aprende, que atua na sua realidade, que constrói o conhecimento não apenas usando o seu lado racional, mas também utilizando todo o seu potencial criativo, o seu talento, a sua intuição, o seu sentimento, as suas sensações e as suas emoções...”

Assim, compreendemos como a autora, da urgente necessidade de outras referências educativas pautadas no resgate do ser humano, de uma visão sistêmica de vida onde podemos reconhecer a consciência da unidade da vida, e da interdependência de suas diversas manifestações, dos seus ciclos de mudanças e transformações.

A comunicação da criança ocorre no corpo em movimento, que brinca, que ri e chora, nos seus olhos que brilham, na expressão de seu rosto, na exclamação de agrado ou desagrado. Ela nos oferece informações para compreendermos sua vida e a nossa própria.

A autora Ruth Cavalcante (1999), ao comentare sobre a Biodanza afirma que é um sistema que surgiu de uma reflexão sobre a vida, do desejo de restaurar em nós próprios o paraíso perdido, integrando os nossos gestos de solidariedade, numa dança de conspiração para gerar mais vida dentro da vida.

Nessa obra, considera que, ao trabalhar a identidade através da música, do movimento, sentimento, poesia, estabelece-se uma comunicação dialógica e afetiva entre todos os que se envolvem no processo educativo. Há, então, possibilidade de se construir um conhecimento em um espaço interativo. Desta forma, a Educação Biocêntrica promove a expressão autêntica que parte da vivência da educadora e torna-se possível integrar o seu saber produzido, conectado com os seus sentimentos. Em consequência, a vivência da cidadania pauta-se no respeito e no amor pela vida.

Nesse sentido, as vivências que realizamos com as educadoras nos deixaram várias interrogações: O que significa tecer redes de sensibilização criativa dentro de nossas Escolas? Será que existe sensibilidade dentro das instituições? Como as educadoras olham para as crianças, sentem seus cheiros, seus tocos, suas interrogações, seus medos, suas certezas e incertezas? Será que as direções das Escolas Infantis, as coordenações, conseguem olhar nos olhos das educadoras e enxergam a vida que pulsa? E

os planejadores da educação do País, do Estado, do Município, enxergam as diretoras, as coordenadoras, as educadoras, as crianças, os pais, as mães e a comunidade como seres que necessitam ser compreendidos, educados, cuidados e amados?

Neste sentido, as cenas vindouras expressam olhares dos diferentes momentos em que o projeto foi desenvolvido com as educadoras.

Vivências dialógicas: as relações, atuação pedagógica, espaços de encantos, diferentes conhecimentos, ações pedagógicas, dimensões integradoras

Partimos de uma análise fenomenológica das expectativas, expressas e registradas a partir das verbalizações das educadoras das Escolas Infantis colhidas nas vivências. Delineamos os caminhos percorridos, as percepções, as lições que ficaram, as propostas nascidas dos sonhos das educadoras. As sínteses configuraram-se nos saberes e os conhecimentos sistematizados que foram compartilhados com todas as educadoras.

As expectativas das educadoras ofereceram um “panorama fotográfico” expressos nas escolas infantis e na vida.

Nas manifestações verbais das educadoras, emergiu uma grande variedade de ecofatores antívida localizados nas relações no interior da escola. No conjunto, estes representam modos de viver, estilos de vida centrados no antropocentrismo vigente no sistema social e cultural.

As situações que se evidenciaram foram a competição, o egoísmo e o conseqüente isolamento. A falta de apoio e de companheirismo se associa a uma estrutura tradicional autoritária, que implica cobranças, críticas que levam à desqualificação da pessoa e do trabalho do outro. A ausência de encontros nutritivos, a agitação crescente, o isolamento no trabalho de cada um, configuram um quadro de ações dissociadas, sem sabor e sem estímulo. Da mesma forma, ao chegar à escola, a educadora sente dificuldade de integração por não ter formação adequada para o trabalho infantil e pela indiferença das pessoas e dos grupos que não envolvem e não integram o principiante. Adicionam-se as efetivas dificuldades de olhar-se olho no olho, tocar-se, abraçar-se e criar vínculos. A ausência de amor e de companheirismo é tocante, concomitantemente com a falta de compromisso com valores éticos comprometidos com a vida.

A vigilância social-cultural, associada ao mau humor, às máscaras e a conseqüente insegurança tornam os espaços restritivos e de difícil articulação pela desqualificação, pelos rótulos, pelo desrespeito, criando um clima pesado e vivências de solidão e falta de alegria. Somam-se a isso um ambiente descuidado e o tédio da cobrança dos pais distantes da escola e da educação dos seus filhos, enquanto a professora se culpa por não cuidar dos

próprios filhos e de si mesma. Há uma angústia e um desencanto no ar por não se conseguirem trabalhar as questões da afetividade, das perdas, dos silêncios, dos ritmos dissociados. Enfim, interrogamos: Que formação será necessária construir nesses ambientes para que a vida seja o centro?

A educação infantil, muitas vezes, é o espaço que torna as ações pedagógicas marcadas por limites decorrentes também de uma visão antropocêntrica restritiva e que não permite as condições de uma ação conjunta e integrada no processo educativo. Imobilidade, rotina, ignorância e falta de qualificação dos profissionais geram ansiedade, falta de fluidez para trabalhar com a espontaneidade da criança.

Restrições de ordem pessoal como a vergonha, a insegurança, a timidez, desorientação, medo de se expor, solidão, contradições, marcas da infância, verdades veladas, falta de respeito e de confiança dos companheiros, que não iluminam as experiências de trabalho, tornam as atividades desgastantes e sem satisfação. Como romper com estas ações e viabilizar outras integradoras da vida?

Quando olhamos por uma janela semi-aberta, podemos visualizar a noite que chega, o nascer de um novo dia, as pessoas que caminham de diferentes maneiras, enfim, somos iluminados pela vida circundante e passante. Quando se tem abertura, abertura ao outro, abertura ao grupo, abertura ao novo, abertura à vida, temos a condição fundamental para desencadear o processo de vida, integrado à construção dos saberes na escola, num ambiente de cuidado, num ambiente feliz, onde se aprenda a ser calmo, a cultivar as amizades, os vínculos, o amor, a conexão, a confiança, a confidência.

O colo, o conhecimento de si e do outro, a cooperação, o cuidado, expressam a sincronização no convívio espontâneo com a criança. A ajuda, a doação, a cooperação, o cuidado consigo e com o grupo, somam-se às condições de perceber, relacionar-se, dar carinho, dialogar, descontrair-se.

A sedução à relação democrática se amplia com a abertura de si e do pensamento que vão sendo compartilhados nos novos e renovados encontros. A escuta é uma postura profundamente ativa que, ao ouvir o outro, permite que ele aconteça como outro.

Fazer o que se gosta é valorizar-se. Fazê-lo com carinho, diálogo e consideração pelo grupo, permite gostar das pessoas, do trabalho, do ambiente de trabalho e permite o crescimento. A sensibilidade no olhar, no movimento, nos ritmos, nos cheiros, facilita a interação, o intercâmbio e as trocas na comunidade implicada na escola. A qualificação e a iluminação do outro pelo elogio dos pais, das mães, das colegas, eleva a auto-estima e a capacidade de ação amorosa. Este é um processo que permite que as educadoras, ao colocarem-se no ponto de vista dos outros, no lugar dos

outros pela empatia, possam criar um ambiente de acolhimento, de bem-estar, um ninho de gestação e de conexão com o que é invisível aos olhos. Além da fala, as linguagens do corpo expressam diferentes estados emocionais e permitem a integração silenciosa.

Pensar no outro, abrir-se, pedir ajuda, permite a proximidade, a acolhida das diversidades. Acolher, ouvir, ser simples, ser sincero, sorrir, abre espaços para a criação de vínculos surpreendentes e encantadores, de uma educação, de uma poética do encontro em uma multiplicidade de dimensões. Assim, diante destas percepções, interrogamos: Que cuidados de mil encantos a escola tem dedicado aos seus espaços?

Almejamos uma escola infantil que enfatize outras sensibilidades, capaz de muitos jeitos de parir a vida. Precisamos descobertas que rompam e transcendam os velhos estilos de educar, que substituam as ações rotineiras que amordaçam e matam as centelhas de esperança que circulam nesses espaços esquecidos e descuidados. Necessitamos vivenciar outros ritmos dos corpos, das faces, dos olhares, das alegrias que teimam em desobedecer aos rituais da mesmice. Uma cultura com outras sabedorias e conhecimentos esquecidos pelas educadoras que não percebem que as crianças simbolizam o desabrochar da vida, do novo, da transformação vibrante e contagiante.

Assim, perguntamos: Que ações devem ser construídas na formação das educadoras das escolas infantis para não continuarmos fechados às transformações, às descobertas, ao equilíbrio da razão e da emoção?

Serão necessárias ações pedagógicas novas, para transformar e arrumar a escola, onde a educação infantil tenha uma cara realmente nova, para que as educadoras, ao irem chegando, sejam capazes de construir uma proposta coletiva que crie processos de vida em todos os momentos. Uma realidade que se compõe de muitas contradições, que, muitas vezes, impede que os encontros sejam sistemáticos e verdadeiros. Ações capazes de atentar para os diferentes anseios da comunidade, que assegurem uma educação de qualidade e que expressem a cidadania no aqui e agora. Esperança, que exige muitas formas de energia, de coragem para viabilizar processos de trabalhos que assegurem o pleno desenvolver das crianças, das educadoras, da comunidade e de todos os envolvidos na escola.

É fundamental construir um viver na escola infantil diferente, que seja gratificante, que inove sem negar os velhos conhecimentos, mas transformando-os. União, salas amplas, materiais, espaços que permitam a expressão das crianças, são outras formas de trabalhar que vão além do cuidar. Organização, paciência, formação sistemática, onde as educadoras mantenham os pés no chão, através de ações que lhes permitam colocar em ação aqueles elementos que Madalena Freire (1999) indica como

fundamentais na formação das educadoras: a observação, o registro, a reflexão para repensar o cotidiano e transformá-lo.

Para recompor os estados vitais, será necessário transformar posturas e idéias em outros sonhos, nos quais a confiança será a tônica nesses ambientes para construir um mundo mais digno. Ações capazes de valorizarem a vida, onde todos possam ser cidadãos que expressam um viver na sua totalidade – ser um cidadão inteiro e feliz. Nesta linha de pensamento, interrogamos: Que caminhos são necessários para que as ações pedagógicas, no processo de formação das educadoras, sejam gerados do novo, de salas repletas de alegria, de esperanças, de confiança, de cidadania, de vida?

Ambientes que cultivem a auto-estima, capazes de cativar, de expressar o contentamento, o amor, a compaixão e o encantamento. É preciso uma escola infantil que prime pelo equilíbrio e pela harmonia, que tenha uma paixão incondicional à vida que se manifesta na satisfação do olhar, nos sentimentos de solidariedade. Relações que permitam tempo para as educadoras cuidarem de si próprios, dos outros, de encontros onde a alegria, o brincar, os brinquedos, a arte, a música, a dança, a ciência, a fantasia, o sonho sejam expressões permanentes do viver. Espaços de prazer, de conquista, onde a vida seja o centro das diferentes ações que circulam na escola.

Descobrir o renascer desses afetos será um desafio para todas as educadoras das escolas infantis. Uma proposta pedagógica que integre as dimensões afetiva e pedagógica, onde todos se re-encantem pela própria criança perdida; onde possam viver a vida como possibilidade de encontro e crescimento, em permanente transformação.

Os depoimentos: “O palco iluminado” – explicitando o vivido, expectativas, conhecimentos, emoções, lições apreendidas

Lá estava a sala – o palco iluminado – organizada, esperando as professoras. A tarde ia se aproximando de seu final. Vinha a noite e com ela as educadoras iam lentamente chegando e sentando nos lugares aparentemente protetores – cantos, proximidade das paredes ou da porta. Início desconcertante, soa uma música, um convite a uma viagem de ser – “um eterno aprendiz, cantar e cantar” como nos convida Gonzaguinha na música *O que é que é?* Espanto, nos olhares, nas faces, corpos se inquietam, assim foi nossa chegada: falando sem falas, com outras expressões de vida. Começos com movimentos geradores, integradores, que rompem as expectativas e fazem uma dança de mil sonhos, de outra maneira de vivenciar a formação das educadoras. Continuamos com uma interrogação:

Quais são as expectativas das educadoras ao participarem de cursos de formação?

Os encontros se constituíram em surpresas para a grande maioria, cuja expectativa era participar de um encontro onde seriam debatidas idéias, textos, sugestões e receitas de como trabalhar na educação infantil. Muitas esperavam trabalho expositivo, chatices, esperavam receber coisas prontas, coletar conhecimentos. Para essas educadoras, os encontros foram surpreendentes pela forma como foram realizados, pelas dinâmicas vivenciadas, pelas possibilidades de relações novas com as colegas. Algumas não imaginavam ser possível tal tipo de trabalho, tampouco era esperado. Algumas estavam condicionadas pelos encontros costumeiros, aonde os coordenadores chegam com a pauta e com os caminhos predeterminados, conseqüentemente recheados de dicas, cobranças, exigências sem a efetiva participação.

Esse fato ficou evidenciado em um seminário, realizado posteriormente aos nossos encontros. Nele, a indignação estava no ar, a tensão fez parte daquele espaço, o tédio era visível nos corpos de algumas das participantes que se quedavam adormecidos, sonolentos nas cadeiras; outras optaram por instantes de dispersão e de esvaziamento da platéia. Exemplos foram os prolongados, cansativos monólogos, cuspidos por educadores alheios a educação infantil, talvez perdidos e dissociados da própria infância e dos interesses e das experiências dos participantes. A culminância desse ato se configurou com o desenvolvimento de uma metodologia que deixou dúvidas quanto à sua ação democrática, através de perguntas escritas em pequenos bilhetes, que não estabeleciam um diálogo, não ouviam a voz do perguntador. Fica uma indagação já rotineira nos meios acadêmicos: Que concepção de educação está inserida numa proposta desta natureza?

Nos encontros que realizamos, a intuição e a percepção de muitos participantes era de que foram fecundos e corresponderam aos desejos e anseios de uma atividade de integração, de qualificação, de nutrição das educadoras. Cotidianamente, as profissionais das escolas infantis se sentem desgastadas pelas atividades rotineiras, em um espaço muitas vezes desintegrado e fastidioso. A ausência de encontros, de atividades engajadas e coletivas, a falta de solidariedade e união, representa uma escola que mantém uma estrutura rígida e inadequada aos desejos do novo, insatisfatória por não promover o desenvolvimento dos potenciais das educadoras. As vivências, o encontro com a própria pessoa esquecida de si mesma, o encontro com o outro, o encontrar a própria educadora que está sendo, confirmaram as expectativas e os desejos desse grupo, cujas

manifestações foram de surpresa, alegria e uma vontade forte de continuidade das vivências ora iniciadas.

Na experiência de solidão, de isolamento, de despreparo, de falta de compensação pelos esforços, as relações tensas e dissociadas do cotidiano escolar, os encontros fizeram as participantes manifestar suas emoções de prazer, de encontro, de entrosamento, de descoberta de si e dos outros e reafirmar o desejo de uma efetiva participação desses encontros nutritivos e qualificadores.

Algumas, contudo, esperavam discussão de propostas inovadoras em educação infantil e não tiveram a percepção de que o trabalho consistia em uma proposta diferenciada, indicativa de uma dimensão de educação que envolve as dimensões emocionais, afetivas e os potenciais do educando e da educadora integrados ao processo de construção do conhecimento e da comunidade.

Muitas esperavam que os encontros se reduzissem a reuniões administrativas que já faziam parte do ritual de formação a que estavam habituadas. As surpresas as levaram a encontros calorosos, descontração e amizade. O desejo sentido ou intuído de ter um tempo para si mesmas, tempo de relaxamento, descontração e tranquilidade, ocorreu como um presente, sendo ajudadas como pessoas, nutridas no trabalho.

Pensar que os encontros seriam a repetição de experiências passadas abriu espaço à descoberta de novas amizades, aproximação, criação de vínculos, descoberta de novas colegas, contato com a emoção e a descontração, com a calma, com o prazer e com a tranquilidade. A vontade de ter momentos para relaxar, conversar e ouvir muitas pessoas se concretizou num sistema de dinâmicas-vivências e nas verbalizações dos sentimentos e das experiências de cada uma durante os encontros. Houve identificação que despertou o respeito, compreensão, equilíbrio com as colegas que emergiram com preocupações e desejos iguais em relação ao trabalho educativo e em relação à própria vida.

Na entrada na sala, estampada na pele, no olhar, no caminhar, no falar de cada educadora, se expressa sutil desconforto, desconfiança, a inibição ao adentrar em um espaço onde não há mesas para se apoiar, nucas para olhar, costas para se esconder, enfim, há um espaço e um vazio desafiador.

As primeiras emoções que ecoam em cada coração se expressam em analogias poéticas e surpreendentes – a fala de uma educadora sintetiza esse estado: “é como se estivesse adormecida e fosse despertada para a vida”. Uma vida que vai transformando a vergonha, a timidez, o medo, o não acreditar em suas próprias possibilidades em caminhos de segurança, em ficar à vontade, descontraída e calma, transformando espaços de

desconfiança em confiança, de desintegração em integração, de controle em liberdade, de críticas em escuta, de monólogos em diálogos.

Assim se manifesta uma vida que pulsa dançante no universo capaz de aflorar mil emoções escondidas, amordaçadas em cada educadora.

As escutas anunciam e abrem um processo de renovação, de despreocupação, de segurança, de mais leveza e criatividade para a educação. As tristezas, as apatias vão cedendo o lugar às alegrias, a não-percepção das emoções cotidianas dando lugar à paz interior, o isolamento dá lugar ao companheirismo, o individualismo dá lugar ao encontro, a tensão dá lugar ao relaxamento, o olhar severo dá lugar aos sorrisos tímidos; do corpo enrijecido surgem a descontração e a fluidez, os caminhares tímidos vão-se transformando em movimentos dançantes e caminhares de determinação.

Da clausura dos horários e tempos rígidos que aprisionam, asfixiam e matam qualquer possibilidade, nasce o tempo da eternidade, dos olhares que se cruzam, das mãos que se tocam, das danças que se integram e dos cantos que ecoam pelo universo; dos desgastes cotidianos brotam a leveza, a alegria, a expansão e a pertença ao todo.

Das falas tímidas e inaudíveis, surge a energia que contagia, que conecta, que vincula em movimentos de escuta e permissão de ser. As velhas expectativas cedem lugar a ações educativas integradoras. Das interiores transmutações da insegurança, da vergonha, da ansiedade, surgem a coragem, a tranquilidade, a calma emocionada e a esperança anunciada diante do outro e do mundo. Nos espaços do desconforto, da ansiedade, germinam as expressões do prazer de viver. Assim, que mudanças, encontros desta natureza poderão desencadear?

Dos encontros surge, a exigência de mudança de vida pessoal e profissional. A postura de ser ouvido é o que permite ao outro se expressar como o outro. Neste sentido, fica suposto que não podemos julgar pela aparência. Os problemas da educação infantil são comuns às escolas. A integração com outros grupos, com momentos de reflexão e de descontração permitem, ao mesmo tempo, investir em nós mesmos, em oportunidades como estas. Viver nossas situações cotidianas nas escolas indica-nos que temos de deixar nossa timidez e conquistar o próprio caminho. Percebemos mais capacitados ao nos expor. A abertura ao diálogo favorece que não vivamos sozinhos. A solidão pode ser superada no contato com as crianças com as colegas e com a comunidade. A educação do passado tornava tudo difícil. Agora se abre um espaço que nos facilita falar. A exigência de ir ao encontro do outro é condição para superar as dificuldades que permeiam a escola e as relações com as educadoras, os pais, as mães e a comunidade.

Como cuidar de crianças e educá-las quando as educadoras não disponibilizam de alguns minutos do dia para reflexão de suas ações, para cuidarem seus espaços interiores.

Dentre as lições aprendidas nestes encontros, ressaltamos o aprendizado de se doar e, na emergência da proposta de trabalhar a sensibilidade, surge a oportunidade de trabalhar dessa forma na sala de aula. A segurança e a confiança em si mesmas e nas próprias opiniões somaram-se a grande experiência em relação aos colegas e à família. Foi possível compreender a dificuldade de dar e de receber carinho e compreensão. Mas a fortaleza é necessária diante das dificuldades enquanto que se percebe a importância de saber conviver em grupos. O nosso saber é limitado, mas se acresce a cada novo dia.

O diálogo exige muita paciência. Faz parte do saber socializar. Entendemos que as palavras não são a única forma de expressão que possuímos. O corpo expressa muitas maneiras de comunicação.

A solidariedade é importante para cada um poder se superar. A melhoria do nosso espaço de construção da solidariedade vem com a descontração e com a alegria. Mesmo que as coisas ocorram marcadas com dificuldades, cada situação pode servir de estímulo para crescer e viver.

É necessário algum tempo de reflexão e de conexão com a vida, durante o dia, para qualificar a forma de viver. As lições simples e desapercibidas do encontro podem ser aceitas e associadas ao encontro consigo mesmo e aceitação do outro como ele é. Abertura às mudanças permite aceitar os novos caminhos com confiança.

Não vivemos sozinhos. Para um bom trabalho, o grupo tem que ter harmonia. Quando um dá amor ao outro, é porque está bem consigo mesmo. Outra situação que pode ser considerada uma lição é aquela própria das mães que trabalham e ficam com sentimentos de culpa por deixar os próprios filhos em casa para cuidar e educar os filhos dos outros.

Assim, também a vida é estressante sem um momento de liberdade e de cuidado consigo mesmo. Uma brincadeira pode trazer ótimos resultados. É importante a troca com outros/as colegas de profissão. Ressalta-se que, hoje, as pessoas não param para se abraçarem, para terem contatos, para criarem vínculos e sorrirem com os olhos da alma.

Portos para novas partidas: Caminhos, espaços, tempos, sonhos, embalos – o que ficou de tudo isso?

As educadoras enfatizam o crescimento pessoal, a valorização do grupo presente e a construção de um ambiente de um mundo melhor. Dizem que, no contato com as colegas, adquiriram conhecimentos fundamentais ao trabalho infantil, que permitem uma reflexão mais sistemática sobre as

crianças, a escola, as famílias e a vida. Indicam que a condição é perceber os limites da realidade para poder transformá-la mantendo a unidade do grupo, compreendendo e criando processos de ações solidários. Houve integração, respeito e compreensão nos diferentes espaços de vivências.

Muitas participantes sugerem a continuidade dos encontros tendo em vista que a tarefa da educação infantil é muito difícil e que há necessidade de muitas contribuições para nosso trabalho que iluminem novos caminhos no processo de educação com as crianças. O ser humano, especialmente a educadora, precisa ser ouvido sem cobranças e ser respeitado para que possa se autovalorizar. Os encontros devem ser momentos de qualificar as profissionais em uma variedade de dimensões como a intelectual, a afetiva, a emocional. Um dos aspectos dessa qualificação é que a educadora possa resgatar a sua criança interior para melhor relacionar-se com as crianças com as quais trabalha. Todas as profissionais têm a necessidade de vivências que envolvam razão e emoção, num permanente cuidado pela Secretaria Municipal de Educação como organizadora de políticas públicas de formação continuada junto com as universidades.

É necessário divulgar mais os encontros, valorizar o contato com as pessoas, inclusive os funcionários. Auxiliar na superação da rigidez, do medo de muitos profissionais, propiciando felicidade e paz aos educadores.

Mediante as expectativas, vivências, relatos e avaliação das participantes dos encontros, tendo valorizado e articulado todas as manifestações, podemos dizer que: As expectativas revelaram a intuição e a necessidade de encontros nutritivos, questionadores, orientadores, dialógicos e fortalecedores da caminhada das educadoras das escolas infantis.

Ficou explícita a necessidade de prosseguir com vivências que possibilitem a escuta, o diálogo e a ação transformadora dos estilos de atuação das educadoras para transcender os medos, as inseguranças, o não cuidar de si, a prática pedagógica, o espaço e a vida. Enfim, conectar-se consigo, com o outro e com o universo.

As verbalizações das vivências manifestaram a surpresa da maioria com a metodologia do trabalho desenvolvido e as contribuições para cada pessoa e para os grupos. Iluminaram-se novos caminhos com o trabalho de formação que mobilizou as energias integrativas dos participantes.

Nas falas de algumas professoras, podemos perceber o que significaram os encontros:

“... me revigorei e passei algumas semanas em que conseguia abraçar e dar carinhos às crianças, mas com o passar dos dias fui cansando. Sinto como é importante uma proposta desta natureza, com uma periodicidade sistemática”.

“Atualmente, vejo melhor as minhas colegas e sou mais tranqüila e paciente com as crianças. Houve enriquecimento no trabalho que estou desenvolvendo, tendo perdido a vergonha de admitir os meus pensamentos e o medo de expressar o que sinto e de realizar o que tenho vontade: por exemplo, dar um abraço numa colega de trabalho, em amigos, em familiares e mostrar a criança que vive dentro de mim”. (Anônimas)

Para a maioria das educadoras, fica a vontade de participar de novos encontros que valorizem a vida; reafirmam a necessidade de enfatizar a humanização dos espaços da escola infantil. Construir uma cultura de participação em que se possa repensar as ações cotidianas, buscando novos caminhos para formação das educadoras que atuam com a infância.

Singramos muitos mares, novos portos se descortinam no horizonte, acreditamos que, para uma compreensão da leitura deste ensaio, é preciso fazer diferentes olhares que passeiam por diferentes mundos.

Mundos em que a vida é o centro de uma poética do encontro, onde as educadoras, as crianças, os pais, as mães e a comunidade são convidados a participarem da aventura de viver com intensidade e abertura para o novo. Onde aceitam a condição de transcender os próprios limites.

Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 19. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1987.
- _____. *O amor que acende a lua*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- AROMAM, M. *Atirei o pau no gato: a pré-escola em serviço*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARROYO, M. O significado da infância. *Criança*, Brasília, n. 28, p.17-21, 1995.
- CAVALCANTE, Ruth (org.) et al. *Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica*. Fortaleza, 1999.
- FALEIROS, Ana Maria. *Professor: a pessoa se transformando profissionalmente*. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da USP.
- FIQUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. *A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos*. 3. ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2001.
- _____. *O jogo da corporeidade na educação: Da infância à escola*. Pelotas: Editora da UFPel, 2001.

- FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Co-autora e tradutora Sandra Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Coleção Leitura).
- GARANDY, Roger. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- NICOLAU, Marieta L.M. *Textos básicos de educação pré-escolar*. São Paulo: Ática, 1990.
- PACÍFICO, Maria Inês Castanho. *Biodanza para crianças*. São Paulo, 1990. Monografia. Escola Paulista de Biodanza.
- REDIN, E. *Pré-escola, para quê?* Idéias, São Paulo, p.37-40, 1988.
- SILVEIRA, Marina Borges. *A arte como uma proposta de desenvolvimento humano na escola*. São Carlos, 2000. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos.
- VECCHIA, Agostinho Mário Dalla. *Afetividade e ética*. Pelotas: Editora da UFPel, 2001.
- TORO, Rolando. *Biodanza: a cura di Eliane Matuk*. Milão: Red edizion, 2000.
- _____. *Teoria Biodanza*. Coletânea de Textos. Fortaleza: ALAB, 1991.
- _____. e LUZZI, C. *Biodanza para crianças*. São Paulo: Monografia, não publicada.

Márcio Xavier Bonorino Figueiredo é professor da UFPel – Escola Superior de Educação Física e Faculdade de Educação. Orienta, no Curso de Especialização em Educação, o Núcleo Cultura, Infância e Escola Infantil. É Doutor em Educação pela USP. Facilitador em Biodanza pela Escola Paulista de Biodanza. Publicações principais: A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos - Editora da UFPel; O jogo da corporeidade na educação: da infância à escola - Editora da UFPel; Tecendo redes de sensibilidade criativa: Biodanza. IN: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado e SOARES, Maria Célia (Orgs.) Oficinas de sonho e realidade. Papirus.

E-mail: bonorino.sul@terra.com.br

Artigo recebido em outubro/2003.